

Os velhos e estranhos túneis há séculos atraem visitantes e peregrinos do mundo inteiro — causando extraordinário impacto sobre eles

As Fantásticas Catacumbas de Roma

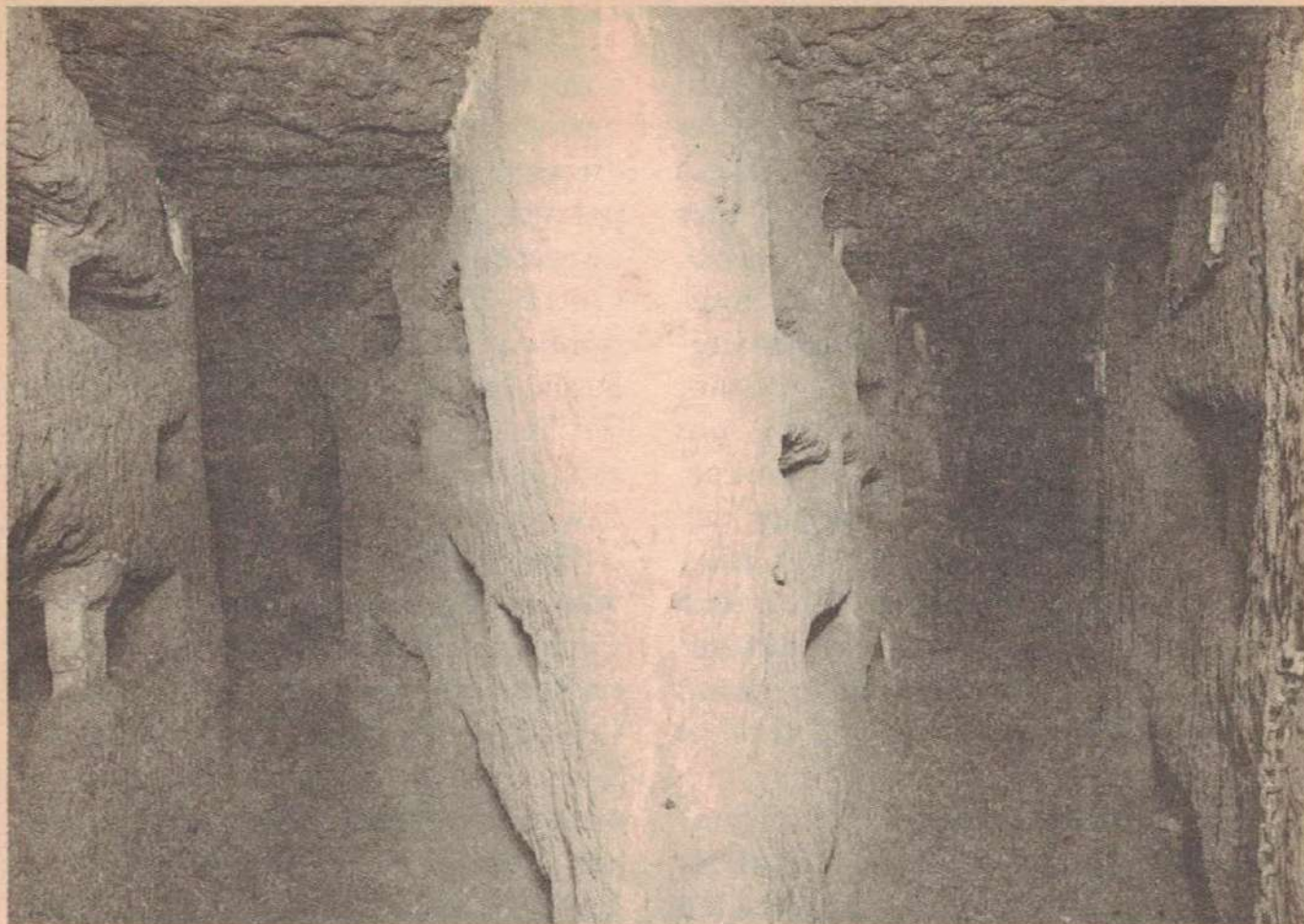
GORDON GASKILL

NUM DIA de primavera, em 1578, cavando perto dos velhos muros de Roma, imediatamente fora da cidade, os operários ficaram espantados quando suas picaretas atravessaram o chão, dando com um grande espaço aberto abaixo. Medrosos, mas curiosos, meteram-se pelo que parecia ser um túnel sem fim, coberto de inscrições e afrescos coloridos. Logo se espalhou a notícia de um estranho mundo antigo, uma cidade dos mortos, esquecida durante séculos, e que era agora novamente exposta aos olhos humanos. Toda Roma, inclusive cardeais e intelectuais, correu para espantar-se com o que via, e o próprio Papa interessou-se vivamente pela descoberta.

O encanto que emana desses velhos e estranhos túneis, tão frios, escuros e cheios de lembranças comovedoras, é forte ainda hoje e atrai cerca de meio milhão de

visitantes por ano. Vem gente de todo o planeta — todas as raças, cores e credos, dos mais remotos cantos da Terra. Alguns são ateus, que vêm apenas por curiosidade. Muitos são autênticos peregrinos — padres, freiras e grupos religiosos. Alguns economizaram a vida inteira para a viagem. Perguntei a um guia se ainda vinha alguém descalço como os antigos romeiros. «Si, si!» ele sorriu. «Os hippies!»

Das cinco catacumbas abertas ao público, a maior é chamada de São Calisto, que é a mais interessante e a mais visitada. Lugar de repouso de nove papas do século III, está situada em local sereno, no campo, a apenas alguns quilômetros ao sul dos velhos muros da cidade, na Via Appia. Vastos campos estão floridos, com as plantações bem cuidadas. Há um velho e agradável jardim à entrada da catacumba, coberto de oleandros e louro,

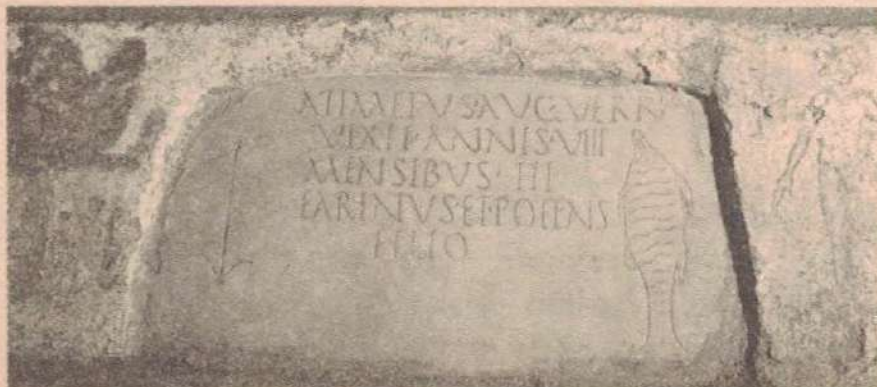


*Na Catacumba de Santa Domitília, galeria com loculi,
nome latino das tumbas cristãs*

ciprestes e roseiras, hera e até algumas palmeiras. Uma velha fonte murmura ao centro, entre antigas pedras douradas pelo sol de séculos.

Os guias — geralmente irmãos leigos da Ordem Salesiana, que cuida de São Calisto — acompanham os visitantes num passeio de 25 minutos pelas catacumbas. Podem ser obtidas

explicações em 15 idiomas. Antigamente, cada visitante levava uma vela, mas as paredes ficavam sujas de fumaça e deixavam cair a cera das velas uns nos outros. As galerias são agora iluminadas eletricamente, mas não muito claro. «Tiraria o encanto», diz o guia, que vai assinalando e explicando os pontos de interesse.



Catacumba de São Sebastião. Inscrição latina dedicada ao jovem Atimetus, filho de Earinus e Potens, escravos que viveram durante o Império. Gravados em ambos os lados da epígrafe, a âncora e o peixe, símbolos cristãos

Nesta e noutras catacumbas, em muitos trechos, os túneis são revestidos de antigas sepulturas — *loculi* — dispostas ao longo das paredes como beliches num navio. As inscrições, quando existem, muitas vezes referem-se a pessoas humildes: um ferreiro, um tecelão, um tanoeiro, uma costureira, um jardineiro, um pastor de porcos, até um *elephantarius* — homem que negociava ou trabalhava com marfim. Alguns cristãos enterrados nas catacumbas eram condutores de bigas — idolatrados então como os astros de cinema ou de futebol de hoje.

Há também túmulos ricos. Alguns, chamados *arcosolia*, exibem um arco sobre eles, geralmente coberto de afrescos coloridos. Ainda mais imponentes são as *cubicula*, pequenas salas ou capelas pertencentes a uma família rica. Mas nem todas as tumbas requintadas significavam grande riqueza: algumas vezes, pessoas humildes economizavam durante anos para morrer com luxo, como a verdureira que mandou fazer um afresco mostrando-a, orgulhosa, em meio a montes das suas verduras. Há também o grupo de padeiros cristãos que mandou decorar suas tumbas, muito a propósito, com cenas da vida e do trabalho dos padeiros, acrescentando um afresco da milagrosa multiplicação dos pães.

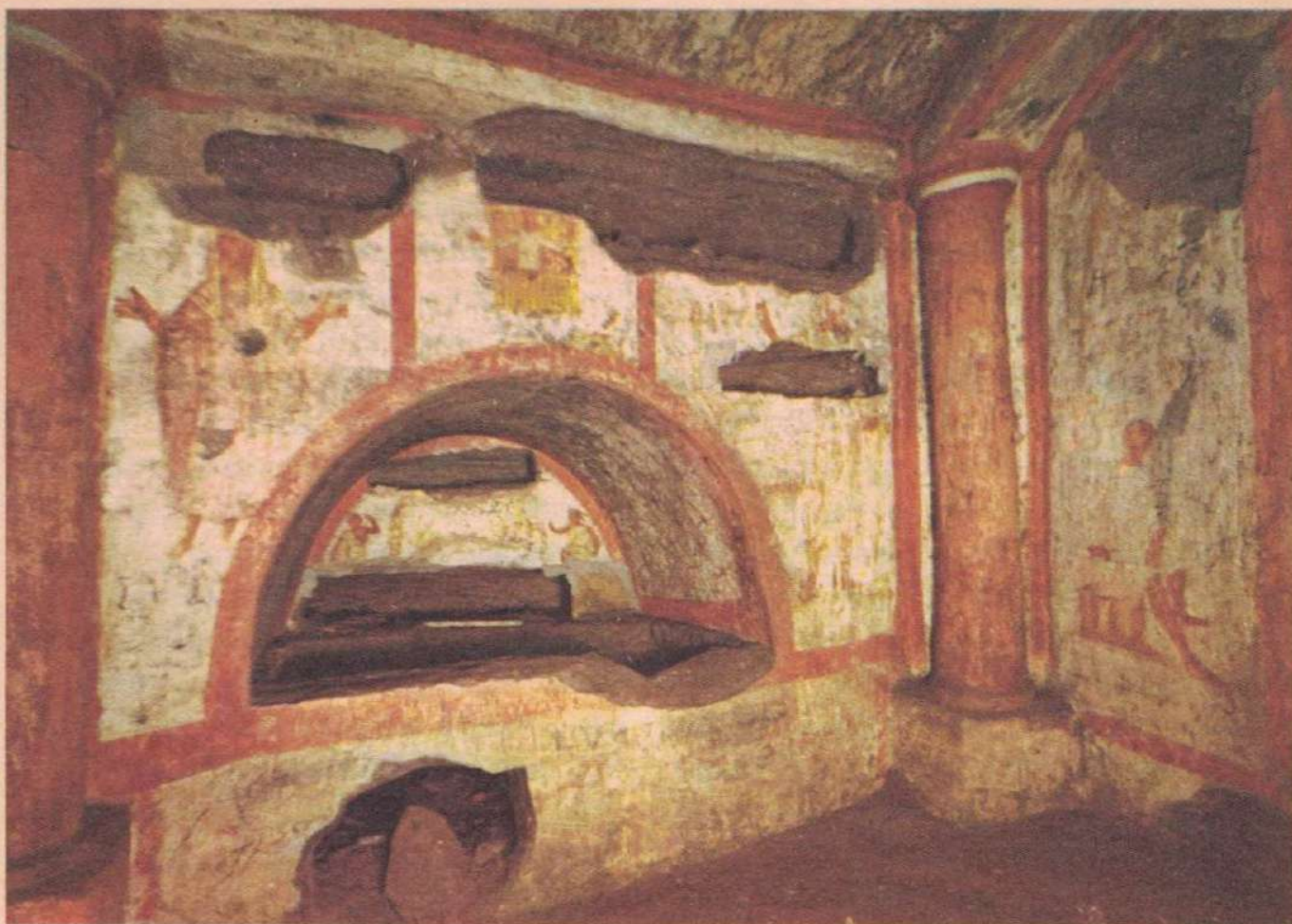
Pertinho de São Calisto ficam as duas outras catacumbas mais visitadas, as de Santa Domitília e de São Sebastião. Este último era

antigamente chamado de São Sebastião *ad Catacumbas*, e é dessa estranha expressão que se tirou a palavra para designar *todos* esses cemitérios cristãos subterrâneos. Outras duas catacumbas abertas ao público são as de Santa Agnés e Santa Priscila, mais longe, ao norte de Roma. Cada uma das cinco está entregue a uma ordem monástica, que fornece os guias.

Quase tudo que a maioria dos visitantes pensa que sabe sobre estes velhos labirintos está errado, embora há mais de um século a Comissão Pontifícia de Arqueologia Sacra venha tentando separar os mitos da verdade sobre as catacumbas. Mas é como diz o Professor Sandro Carletti, inspetor da Comissão, com um sorriso: «Parece que as pessoas preferem as lendas aos fatos.»

Não é verdade, por exemplo, que as catacumbas tenham sido construídas como locais secretos de oração ou como esconderijo de cristãos. Na realidade, foram construídas abertas e legalmente, com a permissão da Roma pagã, para servirem de cemitérios, e era-lhes assegurada a mesma imunidade sacrossanta destinada a todos os cemitérios. E essa imunidade era respeitada a maior parte do tempo, exceto por alguns períodos durante as mais violentas perseguições.

Por que os cristãos cavaram catacumbas, e por que não os pagãos? Por simples razões de ordem econômica: a lei romana proibía enterros *dentro* dos muros



Arcosolium com afrescos nos cubiculum de Orfeu, na Catacumba de Santa Domitília. De todos os tipos de túmulos cristãos, essas salinhas ou capelas para uma só família eram as mais luxuosas. Da esquerda para a direita: orantes, Noé salvo das águas, Elias subindo ao Céu, a ressurreição de Lázaro e Jó

da cidade, e as terras imediatamente fora eram caras demais para os primitivos cristãos, muito pobres na sua maioria.

Pequenos terrenos para enterros cristãos eram provavelmente doados por ricos romanos convertidos ou simpatizantes, mas ficavam logo cheios, de vez que era preciso mais espaço para enterrar um cristão do que um pagão. Nesse tempo, a maioria dos romanos eram cremados, e as cinzas guardadas numa pequena urna. Os cristãos, entretanto, insistiam no enterro do corpo, seguindo o costume judaico. Uma

área de cerca de seis metros quadrados poderia conter as cinzas de talvez 1.000 pagãos — mas nela cabiam apenas os corpos de 30 a 50 cristãos.

Por isto, quando os cristãos enchiam a superfície desses pequenos terrenos, cavavam túneis a fim de ganhar espaço para mais sepulturas. Abriam uma segunda camada, depois uma terceira, e em alguns casos uma quarta — até 20 metros para baixo. Felizmente, era fácil escavar: o solo é formado de macios e úmidos depósitos vulcânicos, que ficam duros como pedra quando

entram em contato com o ar, não necessitando de fundações.

Outra ficção sobre as catacumbas ainda encontrada em muitos guias turísticos é a de que os túneis, colocados em linha, atingiriam comprimentos fantásticos (soube de estimativas que falam em 500, 1.000 e até 1.500 quilômetros) e que conteriam algo como dois, seis e até sete milhões de corpos cristãos. No entanto, segundo o Engenheiro Mario Santa Maria, membro da Comissão Pontifícia, que mantém atualizado uma espécie de «mapa de estrada» das catacumbas, o comprimento total dos túneis é de 150 ou 160 quilômetros. A mais extensa é a de São Calisto, com 16 quilômetros de galerias; em seguida vem a de Santa Domitília, com cerca de 7,5 quilômetros. Algumas das catacumbas menores não passam de alguns metros de túnel.

A primeira catacumba foi escavada em 150 d.C., e a última por volta de 400 d.C. Começando em 313 d.C., quando o Imperador Constantino legalizou o cristianismo, houve um grande incremento na escavação de catacumbas. Cerca de três quartos dos túneis foram escavados por essa época. Subitamente pararam de escavar, quando conseguiram mais espaço para cemitérios.

Quanto ao número de cristãos aí enterrados, ninguém jamais o soube, nem saberá. Houve épocas em que as sepulturas foram saqueadas por invasores bárbaros, e outras em que os próprios cristãos as

assaltaram, crentes de que todos enterrados nas catacumbas eram mártires — e queriam ossos de mártires como relíquias sagradas. O Professor Carletti e o Engenheiro Santa Maria calculam que o número oscile entre 700.000 e um milhão — não mais que isso — e desses somente uma fração eram mártires verdadeiros. Na realidade, apenas numa tumba se encontrou relíquias sagradas de um mártir. Em 1845, escavadores descobriram o esqueleto bastante bem conservado de São Jacinto, em sua sepultura nitidamente assinalada. Isto representou um grande golpe para a cidade de Selegenstadt, ao sul de Frankfurt, que há 1.000 anos reverenciava o que julgava serem os ossos do mesmo santo.

Os zelosos ladrões de catacumbas acreditavam no que julgavam, erroneamente, serem os símbolos da sepultura de um mártir: uma palmeira, uma pomba, um M com uma linha acima ou hermeticamente fechadas garrafinhas contendo um líquido vermelho que se pensava ser o sangue do mártir. O fato é que palmeiras e o mais eram apenas decorações cristãs comuns; análises químicas do «sangue» mostraram que era apenas perfume, em alguns casos vinho de missa.

Por volta do século X, as saqueadas catacumbas deixaram de ser visitadas. Terremotos abalaram-nas e fizeram-nas desabar; detritos e areia trazida pelo vento encobriram suas entradas. Em breve (sempre com exceção da de São Sebastião)

os locais eram esquecidos. Aqui e ali, alguém deparava com um túnel, uns poucos curiosos desciam para olhar, e logo esqueciam. As galerias frescas eram bom lugar para guardar o vinho, e em algumas delas os tonéis arrastados destruíram excelentes afrescos.

A verdadeira redescoberta começou com as picaretas de 1578. Desde esse dia até hoje, intelectuais interessados as têm explorado e procurado mais. Dispõem de excelentes pistas, especialmente nos «guias turísticos» do século VII, destinados aos peregrinos que visitavam Roma. Graças a eles, praticamente todas as catacumbas foram reabertas, ou pelo menos localizados os seus sítios. Muitas estão totalmente destruídas, e sobre elas construíram-se modernos edifícios, sobre uma delas um hotel, sobre outra um alegre cinema, numa terceira uma embaixada. «Parece incrível», diz o Professor Carletti, «mas as bombas americanas, no fim da Segunda Guerra Mundial, ajudaram-me a descobrir uma pequena catacumba há muito desaparecida. Uma bomba destruiu uma linha férrea — e lá estava a catacumba!»

Carletti acredita também ter descoberto a última catacumba importante, que os velhos guias da cidade chamavam pitorescamente de «Às Sete Pombas e à Cabeça de São João, na Colina do Pepino». Fica situada no moderno bairro de

Pariolo, escondida sob as fundações de um enorme prédio de apartamentos. Outra catacumba foi descoberta, por acaso, em 1956. Estavam escavando para as fundações de um prédio, quando os operários depararam com uma pequena catacumba, jamais mencionada antes; aí foram encontrados os mais belos e mais perfeitos afrescos de todas as catacumbas.

Até agora, entre grandes e pequenas, cerca de 50 catacumbas foram encontradas. Cinco estão abertas ao público, e as demais podem ser visitadas por estudantes e pesquisadores mediante permissão especial.

As catacumbas exercem um extraordinário impacto emocional tanto sobre o pesquisador, como sobre turistas. Os visitantes deixam-nas em silêncio, de olhos baixos e pensativos. Na de São Calisto, certa vez, comecei a conversar com uma italiana de meia-idade, que acabava de sair piscando sob a luz. Embora tivesse morado em Roma a vida toda, essa era sua primeira visita a uma catacumba. «Eu tinha medo que fosse triste e deprimente», ela me disse, e acrescentou sorrindo: «Não é nada disso. Foi como visitar uma velha igreja cheia de paz. Tão tranquilo e inspirador.» E eu lhe disse que, há mais de 1.000 anos, outro peregrino tivera a mesma sensação. Em latim, ele rabiscou numa parede da catacumba: «Há luz nesta escuridão; há música nestas sepulturas.»

